

AS TENSÕES SOCIAIS E ECONÔMICAS NO SÉCULO XVII DO RECÔNCAVO BAIANO SATIRIZADAS PELA POÉTICA DE BOCA DO INFERNO

Cristina da Conceição Silva (UNIGRANRIO e UCAM)

cristinavento24@yahoo.com.br

José Geraldo da Rocha (UNIGRANRIO)

rocharocha@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo trata dos problemas dos produtores de açúcar do século XVII, em Recife que apresentaram empobrecimento regional, por problemas relacionados aos carregados impostos do período, que o estado não conseguiu sustentar. O Recôncavo Baiano sobrepujou Recife durante um tempo, porém depois sofre com problemas estruturais e de altos impostos, nesse período o Brasil perde o domínio do produto. O Recôncavo era o principal centro econômico, pois as margens dos rios as fazendas e engenhos se estabeleceram com grandes produções de açúcar. A saída dos holandeses do nordeste fez com que o Brasil perdesse sua posição favorável como produtor de açúcar, pois os mesmos levaram dinheiro e técnicas para as Antilhas. Nesse contexto a poesia se serve para se posicionar contra esses entre outros problemas que o Brasil colonial, apresentou causando um empobrecimento para quem tinha maior poder aquisitivo e mais ainda para os que já eram pobres. E foi Gregório de Mattos também conhecido como Boca do Inferno, que faz uso de uma poesia sátira para mostrar a insatisfação com o poder instaurado na Bahia e no Brasil, e assim conta parte da História do período colonial brasileiro. Nesse sentido esse artigo fará um breve histórico sobre a vida de Gregório de Mattos, no que tange sua formação religiosa, seus casamentos, sua relação e cisão com o clero, bem como suas posições sociais até que se dedica a falar suas impressões sobre esses espaços sociais por onde passou em forma de sátira poética.

Palavras-chave:

Literatura. Poder. Poesia. Gregório de Matos.

1. Introdução

O presente artigo nos mostra como a História e a poesia vão se complementar e quicá aproximar o poeta e o povo, quando a poesia passa a servir como voz de um grupo menos privilegiado. É o caso da história em Recife e no Recôncavo Baiano em seu período colonial que teve o sistema açucareiro em declínio no século XVII. Fato que culminou em dificuldade ligada absolutamente à concorrência antilhana, que com a expulsão dos holandeses, esses levaram as técnicas junto com eles.

Nessa ambiência acordos militares se estabelecem entre França, Inglaterra e Holanda, na luta contra Espanha, pois Portugal tinha que

autenticar sua independência perante a Espanha, que arriscava de várias maneiras reconquistá-lo.

Assim sendo, a poesia vai servir para narrar a História a partir da sátira de Gregório de Mattos, que recebeu a alcunha de Boca do Inferno, exatamente por expressar em seus escritos poéticos problemas da Bahia e do Brasil. E se prestou a anunciar em suas poesias o sofrimento dos brasileiros criticar os poderosos entre eles o poder da igreja.

Nesse contexto esse artigo conta com três seções, sendo elas denominadas: O advento do açúcar em Recife e no Recôncavo Baiano, Gregório de Mattos “Boca do Inferno” e Boca do Inferno e sua crítica ao Brasil Colônia. E para o desenvolvimento contamos com as literaturas de Schwartz (1992), Ferlini (1988), Moisés (1990) entre outros que nos auxiliarem a desenvolver o contexto histórico e sobre o poeta Gregório de Mattos.

2. O advento do açúcar em Recife e no Recôncavo Baiano

Segundo Schwartz (1992,) em 1654, produtores de açúcar com problemas em comercializar seus produtos, com falta de mão-de-obra, carregados impostos e dívidas para pagar, baniram os holandeses do Nordeste. Assim, eles ceitam de volta Portugal no domínio sobre o açúcar do Brasil, que no período, passava por dificuldades e já não brotava como antes. Durante a ocupação holandesa, a Bahia sobrepujou Pernambuco, tornando-se a fundamental produtora do Brasil, posição essa que manteria nos 150 anos seguintes.

Essa conjuntura complicada de Pernambuco é explicada por Ferlini (1988) ao relatar que através de uma consulta do Conselho Ultramarino datada de 1662 que mostrava, Recife como um humilde estado. O povo de Recife se achava em situação difícil em virtude de muitos problemas de confrontos, sociais e políticos dentro do próprio estado. Esse sítio do território brasileiro não alcançava por maiores atividades que se fizesse satisfazer a contabilidade portuguesa, como observa Ferlini (1988). Mesmo com estas dificuldades, a indústria açucareira, com todos os seus impostos, ainda era a basilar fonte de riqueza do Recôncavo Baiano em 1690.

O Recôncavo era o centro econômico da Bahia. Seguindo os cursos dos rios e nas margens norte e oeste ao extenso e nas margens norte e oeste das extremidades da baía, edificaram-se diversas fazendas de cana de açúcar.

Em 1690, existia mais de cem engenhos no Recôncavo e a população já extrapolava a marca dos 35 mil habitantes, dos quais cerca de 20 mil eram escravos. As terras ao sul dedicavam-se essencialmente à produção de gêneros de sustento e ao provimento de madeira e lenha para os engenhos, assim destaca Schwartz (2002).

Essa situação se alargou até o descobrimento do ouro no Brasil, por volta de 1690, quando começou a corrida do ouro. Além do mais, os holandeses ampararam colonos ingleses e franceses no aparelhamento de uma produção açucareira competitiva à brasileira.

Após o banimento dos holandeses do Nordeste brasileiro, estes seguiram para as Antilhas, onde usaram todo o seu capital e conhecimento adquiridos tornando-se adversários do Brasil no comércio europeu, contudo, não foi apenas isso que ocorreu para a decadência do açúcar. A produção do açúcar nas Antilhas, concorrente do Brasil, fez crescer a necessidade de mão-de-obra, o que culminou no preço alto na venda dos escravos, tanto na África quanto no Brasil. Outro fator extraordinário foi que, apesar do Brasil permanecer com potencialidade de produzir açúcar, com a produção das Antilhas, ele acabou perdendo o poder central de negociar o produto. Entretanto, a dificuldade dos senhores de engenho do Brasil não adveio só pela entrada das Antilhas na produção de açúcar e sua comercialização. Problemas na Europa como as guerras que abafaram quase todo o continente incidiram em dificuldades na produção de produtos básicos. Segundo Ferlini (1988) a dificuldade não permaneceu ligada absolutamente à concorrência antilhana, mas à própria reestruturação dos mecanismos de mercado durante o século XVII.

A favorável produção antilhana aumentava e aprovisionava os mercados metropolitanos, mas, durante muito tempo, o açúcar do Brasil, de melhor qualidade, manteria seus consumidores. Todavia, a partir de 1670, se deu o declínio implacável dos preços.

Anteriormente a todo esse problemático Portugal tinha que autenticar sua independência perante a Espanha, que arriscava de várias maneiras reconquistá-lo. Assim sendo, Portugal buscou meios para enfrentar estas dificuldades. A solução que Portugal encontrou foi realizar acordos com a França, Inglaterra e Holanda, na luta contra Espanha, mas não sem que acontecessem perdas para Portugal a Inglaterra foram celebrados acordos entre 1642 e 1661 que afiançaram o auxílio militar em relação à Espanha. (ALMEIDA, 1926).

(...) enquanto com a Holanda, em 1641, além do acordo militar no qual os dois países organizariam uma frota conjunta para atacarem a Espanha, ficou estabelecida uma trégua de dez anos entre Portugal e Holanda. (AZEVEDO, 1947, p. 387-8)

O acordo militar estabelecido entre Portugal e Holanda em 1641 não foi de modo pleno cumprido e, em 1661, foi assinado um segundo entre Portugal e Holanda, em que os holandeses, em compensação pelo reconhecimento da soberania portuguesa do nordeste brasileiro, determinaram o pagamento de uma indenização (Cf. FERLINI, 1988). Mas os danos não param por aí, com o casamento entre a princesa Catarina de Bragança, filha de D. João IV (Portugal) e Carlos II (da Inglaterra, como dote pelos territórios de Bombaim (AZEVEDO, 1942). Entretanto, não foram só estas dificuldades que a colônia portuguesa encarou após a expulsão dos holandeses, catástrofes naturais também afligiram a colônia, como por exemplo, epidemias, períodos de secas e inundações.

3. *Gregório de Matos “Boca do Inferno”*

De acordo com Moisés (1990), Gregório de Matos Guerra nasceu em Salvador no ano de 1636. Coursou o Colégio da Companhia de Jesus e anos depois se formou em leis, por Coimbra, em 1661, mesmo ano de seu casamento. Passou a viver de sua magistratura e em 1672 adquiriu o importante cargo de Procurador de Salvador, entretanto, após dois anos foi deposto. Ficou viúvo e regressou ao Brasil, onde se casou pela segunda vez e tornou-se irmão da Santa Casa, entretanto, seu viver debochado e boêmio, desde os tempos de Coimbra, o impediram de desempenhar seu papel de homem comprometido. Aos poucos, suas sátiras sujeitaram-no a perder o abrigo das autoridades (MOISÉS, 1990).

É certo que a maior parte da história da vida de Gregório nos leva a conhecer um homem destemido, de vida conturbada e a cogitar a ideia de que tais características pessoais possam ter contribuído para a elaboração de suas sátiras. Contudo, suas poesias também nos revelam suas origens enquanto homem cristão (da escola dos jesuítas). Além disso, a fim de complementar a compreensão dos poemas gregorianos é importante observar o contexto histórico no qual o autor estava inserido.

Observa Moisés (1990) que Boca do Inferno também era religioso-ativo numa motivada fase de sua vida, e, nesse sentido, de acordo com seus poemas, podemos abarcar uma possível influência da catequese, presente no teocentrismo medieval a História. Calçado nos papéis oficiais enfocou a

Bahia do século XVII, numa primaziahierárquica da capital, sede do Governo-Geral, da Diocese.

A alcunha Boca do Inferno foi dada a Gregório por sua ousadia em criticar a Igreja Católica, muitas vezes atacando padres e freiras. Criticava também a “cidade da Bahia”, ou seja, Salvador, como neste soneto (BARROS, 1999):

Tristes sucessos, casos lastimosos,
Desgraças nunca vistas, nem faladas.
São, ó Bahia, vésperas choradas
De outros que estão por vir estranhos.

Sentimo-nos confusos e teimosos
Pois não damos remédios as já passadas,
Nem prevemos tampouco as esperadas
Como que estamos delas desejosos.

Levou-me o dinheiro, a má fortuna,
Ficamos sem tostão, real nem branca,
macutas, correão, nevelão, molhos:

Ninguém vê, ninguém fala, nem impugna,
E é que quem o dinheiro nos arranca,
Nos arrancam as mãos, a língua, os olhos.

Por tal motivo, entre outros citados na sua biografia, onde se enxerça sua poesia pornográfica, Gregório foi um poeta considerado “rebelde” que, apesar de ser um clássico, hoje ainda muitos consideram um poeta maldito. Ele se torna o primeiro poeta do Brasil que poderíamos, de certo modo, definir desta forma (BARROS, 1999).

O poeta censurava as autoridades viciosas, as quais eram beneficiadas com os favores da nobreza; os líderes religiosos que evidenciavam a santidade, mas andavam com “putas”. Dizia que às crises econômicas eram culpadas pela miséria do povo e o poder político sem eficiência fazia a respeito. Esses ditos-cujos, dentre outros, segundo Boca do Inferno, faziam parte da Bahia do século XVII e tornam-se alvo dos desagradados Boca do Inferno. Ele maldizia a nação brasileira e, como afirma Massaud (1990), Gregório revelou-se, um antilusitano, ao acusar as injustiças sociais, como segue:

(...) Que os Brasileiros são bestas,
e estarão a trabalhar
toda a vida por manter
maganos de Portugal
(...) Cidade tão suja, e tal,

avesso de todo o mundo,
só direita em se entortar.
Terra, que não parece
neste mapa universal
com outra, ou são ruins todas,
ou ela somente é má.

Não se pode esquecer que Gregório de Matos perdeu todas as regalias, que seujeito sociocultural lhe deu, porém por causa da astúcia e profundidade de sua terrível sátira, que não absolvía a ninguém, especialmente se fosse poderoso ou tivesse importante posição na sociedade do tempo, ele perdeu posição na sociedade baiana. Com compensado senso crítico, precisamente pela magnitude do raio de influências que forjou e pelo caráter conflitante de sua mística, a figurade Gregório de Matos intelectual brasileiro de acordo com Spina (1986), pode ser adotada como pio-neira, densa e dividida.

4. *Boca do Inferno e sua crítica ao Brasil Colônia*

Partindo das premissas históricas da Bahia Gregório julgou negativamente a sociedade baiana da época e criticou aspectos da vida social do Brasil-Colônia. Suas críticas eram direcionadas tanto para oreinoquanto-paraocidadãobrasileiro e visavam principalmente ao clero e ao elemento português, por serem estes os dois elementos mais culpados pela situação vivida no Brasil-Colônia. Portanto, considera-se Gregório como um sujeito de importância histórica e social, por ter sido o primeiro poeta a con-viver diretamente com o povo nas ruas de Salvador, retratando ou fazendo a caricatura, repleta de peculiaridades, de indivíduos e figurões de sua época (CASTELLO, 1975).

Ao chegar ao Brasil, diante de uma situação crítica, colocou sua vivacidade de escrever, para fazer sua sátira, valendo-se de temas forneci-dos pela crise que assolava o Brasil naquele período. Como por exemplo, o preço do açúcar entre outros problemas, mediante a isso, sua biografia é importante para entender o modo como a crise ecoou sobre sua sátira e, ao mesmo tempo, como sua sátira pode nos explicar seu modo de imaginar a sociedade.

No poema “Triste Bahia” o autor relaciona a conjuntura em que se achava a Bahia com a sua própria vida. A cidade e o poeta se achavam em situação distinta no antigo estado. A Bahia, rica antes, encontrava-se

pobre, também haviam empobrecido os comerciantes, ao ponto de se encontrarem empenhados.

Triste Bahia! Oh quão dessemelhante
 Estás, e estou do nosso antigo estado!
 Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
 Rica te vejo eu já, tu a mi abundante.
 A ti tocou-te a máquina mercante,
 Que em tua larga barra tem entrado,
 A mim foi-me trocando, e tem trocado
 Tanto negócio, e tanto negociante.
 Deste em dar tanto açúcar excelente
 Pelas drogas inúteis, que abelhuda
 Simples aceitais do sangazBrichote.
 Oh se quisera Deus, que de repente
 Um dia amanheceras tão sisuda
 Que fora de algodão o teu capote.

Declara Salles (1975) que Gregório de Matos escreveu suas obras, com o olhar de uma burguesia em crise. Elite que viveu conjuntamente os efeitos das mudançasacontecidas e se viu perdendo, como tantas outras famílias, o sustento integral que tivera nas primeiras décadas do século XVII. Seu texto não respeitava escalões nem padrões sociais, ao apontar o que ocorria na sociedade baiana na segunda metade do século XVII, um período de depressão, crise, angústia, receio, vacilações e temores. Gregório satirizou e, ao mesmo tempo, revelou uma angústia dele e da sociedade como todo.

5. *Considerações finais*

Gregório de Matos conta e manifesta sua insatisfação e dos brasileiros especialmente os baianos, através de sua poesia o que configura que a poesia tem elementos em seu teor que marcam um momento histórico. Sua poética literária de certo modo conta sua vida, de suas relações com o poder, o empobrecimento do estado e do abuso contra o povo brasileiro. Nesse contexto, ele fazia suas sátiras em forma de poesia e se junta ao povo, trazendo suas inquietações e sofrimentos de um Brasil que enriquecia a colônia e seus pares e até seus desafetos, menos o solo brasileiro. Nesse sentido, Boca do Inferno coloca sua poesia a serviço da população dando voz para aqueles que não eram ouvidos e fazendo uma reflexão histórica através de seus escritos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, J. Lúcio de. *Épocas de Portugal Económico*: Esboços de História. 2. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1947.

Barros, Higino. *Gregório de Matos*– Os Melhores Poemas do Boca do Inferno, o Primeiro Poeta Maldito Brasileiro – Antologia. Organização de Higino Barros. 1999.

FERLINI, Vera Lúcia A. *Terra, trabalho e poder*. São Paulo: Brasiliense; 1988.

GOMES Cintia Gonçalves. *O Boca do Inferno e a crise do século XVII*. São Paulo:UNESP,2012.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cutrix, 1990. Gregório de Matos: Poemas. Disponível em: <http://www.poesiaspoemaseversos.com.br/gregorio-de-matos-poemas/#.VWY8PY7RWII>. Acesso em: 30/05/ 2015.

SCHWARTZ, Stuart B. (Org). *As excelências do governador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SPINA, Segismundo. Gregório de Matos. In: COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (Dir.). *A literatura no Brasil*. Vol. II, Parte II / Estilos de época: Era barroca / Era neoclássica. 3. ed. rev e atual. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF, 1986.